

MARIA



Organização:

Daniele Novara

A MENTE

DA CRIANÇA

Mente absorvente



MARIA



Organização:
Daniele Novara

A MENTE DA CRIANÇA

Mente absorvente

Tradução
Marcos Araújo

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © 2023 Mondadori Libri S.p.A., originalmente publicado por BUR
Rizzoli, Milão, Itália.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Marcos Araújo, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *La mente del bambino*

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Ligia Alves
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Fabio Oliveira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Montessori, Maria, 1870-1952
A mente da criança / Maria Montessori ; organização de Daniele Novara. --
São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
304 p.
ISBN 978-85-422-3195-3
Título original: La mente del bambino
1. Psicologia infantil 2. Pedagogia I. Título II. Novara, Daniele
25-0493CDD 136.7

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicologia infantil



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br
PROIBIDA A REPRODUÇÃO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



A CRIANÇA NA RECONSTRUÇÃO DO MUNDO

Este livro é um elo na evolução de nosso pensamento e de nossa obra em defesa das grandes forças da infância.

Hoje, enquanto o mundo está dividido e se pensa em formular planos para uma futura reconstrução, a educação é universalmente considerada como um dos meios mais eficazes para essa reconstrução, já que não há dúvidas de que, do ponto de vista psíquico, o gênero humano está abaixo do nível que a civilização apregoa ter alcançado.

Também penso que a humanidade está distante do grau de preparação necessária para aquela evolução à qual ela tão ardentemente aspira: a construção de uma sociedade pacífica e a eliminação das guerras. Os homens não são ainda capazes de controlar e dirigir os acontecimentos, dos quais se tornam, bem mais, as vítimas.

Embora a educação seja reconhecida como um dos meios aptos a elevar a humanidade, é considerada, ainda e apenas, educação da mente baseada em velhos conceitos, sem pensar em extrair dela uma força renovadora e construtora.

Não duvido de que a filosofia e a religião devam dar uma contribuição imensa à renovação. Mas quantos filósofos existem no mundo

hiperurbanizado de hoje, e quantos existiram antes e existirão no futuro? Nobres ideias e altos sentimentos sempre existiram e sempre foram transmitidos com o ensino, mas as guerras nunca cessaram. E, se a educação tivesse de ser concebida ainda segundo os antigos esquemas de transmissão do saber, não haveria nada mais a esperar para o futuro do mundo. De que serve a transmissão do saber se a formação mesma do homem é negligenciada? Existe, ignorada, uma entidade psíquica, uma personalidade social imensa para a multidão de indivíduos, uma potência do mundo que deve ser tomada em consideração; se podem vir auxílio e salvação, estes virão somente da criança, porque a criança é a construtora do homem.

A criança é dotada de poderes desconhecidos, que podem conduzir a um futuro luminoso. Se realmente se deseja planejar uma reconstrução, o desenvolvimento dessa potencialidade humana deve ser o escopo da educação.

Nos tempos modernos, a vida psíquica do recém-nascido tem suscitado grande interesse, e alguns psicólogos tornaram objeto de suas observações o desenvolvimento infantil das três primeiras horas depois do nascimento. Outros, após terem estudado atentamente, chegaram à conclusão de que os dois primeiros anos de vida são os mais importantes no desenvolvimento humano.

A grandeza da personalidade humana começa com o nascimento do homem. Essa afirmação singularmente mística leva a uma conclusão que poderia parecer estranha: a educação deveria começar no nascimento. Falando de maneira prática, porém, como se pode educar uma criança que acabou de nascer, ou em seu primeiro ou segundo ano de vida? Como ministrar lições a uma criaturinha que não entende nossa fala e nem sequer sabe mover-se? Talvez só nos refiramos à higiene quando falamos de educação das criancinhas pequeninas? Decerto não.

Durante esse período, a educação deve ser entendida como auxílio ao desenvolvimento dos potenciais psíquicos inatos no indivíduo humano, o que significa que não poderia ser usada a forma comum e conhecida de ensino por meio da palavra.

Riqueza não utilizada

Observações recentes têm demonstrado amplamente que os pequeninos são dotados de uma natureza psíquica toda particular, e isso nos oferece um caminho novo para a educação; uma forma diferente, que diz respeito à humanidade mesma e que ainda não foi levada em consideração. A verdadeira energia construtiva, vital e dinâmica das crianças permaneceu ignorada por milênios. Tal como os primeiros homens pisaram a terra e em seguida cultivaram sua superfície, sem conhecer as imensas riquezas que jaziam escondidas nas profundezas – e nem se importar com elas –, também o homem moderno avança na civilização sem conhecer os tesouros que jazem escondidos no mundo psíquico da criança.

Desde os primórdios da humanidade, o homem tem continuado a reprimir e a aniquilar essas energias cuja existência somente hoje ele começou a intuir. Assim, por exemplo, Carrel escreve: “O tempo da primeira infância é sem dúvida o mais rico. Deve ser utilizado de todos os modos possíveis e imagináveis por meio da educação. A perda desse período é irreparável. Em vez de descuidar dos primeiros anos da vida, é nosso dever cultivá-los com a máxima atenção”.¹

A humanidade começa a tomar consciência da importância dessa riqueza ainda não explorada; algo bem mais precioso que o ouro: o espírito mesmo do homem.

Os dois primeiros anos de vida abrem um novo horizonte, revelam leis de construção psíquica que até hoje permaneciam desconhecidas. A própria criança nos fez o dom dessa revelação, nos fez conhecer um tipo de psicologia todo seu, completamente diferente da do adulto. Eis o novo caminho! Não é o professor que aplica a psicologia às crianças, mas são as próprias crianças que revelam sua psicologia ao estudioso.

Tudo isso pode parecer obscuro, mas se tornará imediatamente claro se nos aprofundarmos nos detalhes: a criança tem uma mente capaz de

¹ Carrel, Alexis. *L'homme, cet inconnu*. Paris: Librairie Plon, 1935, p. 222 (tradução italiana: *L'uomo questo sconosciuto*. Turim: Marcovalerio, 2016).

absorver cognições e o poder de ensinar a si mesma; basta uma observação superficial para demonstrá-lo. O filho fala a língua dos pais. Ora, o aprendizado de uma língua é uma grande conquista intelectual, ninguém ensinou à criança, e no entanto ela saberá usar perfeitamente o nome das coisas, os verbos, os adjetivos.

Acompanhar a criança no desenvolvimento da linguagem é um estudo de imenso interesse, e todos os que se dedicaram a ele concordam em reconhecer que o uso das palavras, dos nomes, dos primeiros elementos da linguagem, se dá em determinado período da vida como se uma precisa regra de tempo fiscalizasse essa manifestação da atividade infantil. A criança parece seguir fielmente um rígido programa imposto pela natureza, e com tamanha exatidão pontual que nenhuma escola, por mais sabiamente dirigida, venceria no confronto. Sempre seguindo esse programa, a criança aprende as irregularidades e as construções sintáticas da língua com impecável diligência.

Os anos vitais

No íntimo de cada criança existe, por assim dizer, um mestre vigilante que sabe obter os mesmos resultados de qualquer criança, em qualquer país em que esteja. A única língua que o homem aprende perfeitamente é sem dúvida a adquirida no primeiro período da infância, quando ninguém pode ministrar um ensino à criança. E não só: se, adiante, a criança, já crescida, tiver de aprender uma língua nova, nenhuma ajuda de nenhum professor conseguirá que ela fale a língua nova com a mesma exatidão com que fala a língua adquirida na primeira infância. Existe, portanto, uma força psíquica que auxilia o desenvolvimento da criança. E isso não apenas no que diz respeito à linguagem: aos 2 anos, ela será capaz de reconhecer todas as pessoas e as coisas de seu ambiente. Se refletirmos sobre esse fato, torna-se cada vez mais evidente que a obra de construção realizada pela criança é imponente, e que tudo o que possuímos foi edificado desde a infância, desde aquela

criança que nós mesmos éramos nos primeiros anos de vida. Não se trata somente, para a criança, de reconhecer o que está à nossa volta ou de compreender e adaptar-se ao nosso ambiente, mas sim, num período em que ninguém pode ser seu mestre, de formar o complexo daquilo que será nossa inteligência e o esboço de nosso sentimento religioso, de nossos sentimentos nacionais e sociais particulares. É como se a natureza tivesse protegido cada criança da influência da inteligência humana para dar a precedência ao mestre interior que a inspira; a possibilidade de edificar uma completa construção psíquica, antes que a inteligência humana possa entrar em contato com o espírito e influenciá-lo.

Aos 3 anos, a criança já assentou os fundamentos da personalidade humana e precisa do auxílio particular da educação escolar. As conquistas feitas por ela são tamanhas que se pode dizer que a criança, ao entrar na escola aos 3 anos, já é um homem pelas conquistas que alcançou. Os psicólogos afirmam que, se compararmos nossa habilidade de adultos à da criança, seriam necessários sessenta anos de trabalho árduo para alcançar o que a criança alcançou em seus primeiros três anos; e eles se exprimem com as mesmas palavras que usei: “aos 3 anos a criança já é um homem”, mesmo que essa singular faculdade da criança de absorver do ambiente ainda não tenha se esgotado totalmente nesse período inicial.

Nas nossas primeiras escolas, as crianças chegavam com 3 anos, e ninguém podia lhes ensinar porque não eram receptivas, mas nos ofereceram extraordinárias revelações da grandeza da mente humana. A nossa é uma Casa das Crianças, mais do que propriamente uma escola, isto é, um ambiente especialmente preparado para a criança, onde ela assimila qualquer cultura difundida pelo ambiente sem necessidade de ensino. As crianças das nossas primeiras escolas pertenciam às classes mais humildes do povo e seus pais eram analfabetos. No entanto, aquelas crianças aos 5 anos sabiam ler e escrever, e ninguém lhes tinha ensinado diretamente. Se os visitantes da escola perguntavam quem as tinha ensinado a escrever, as crianças, com frequência espantadas, respondiam: “Quem me ensinou? Ninguém me ensinou”.

Pareceu então um milagre que crianças de 4 anos e meio soubessem escrever e que tivessem chegado a tanto sem ter tido a impressão de receber um ensinamento.

A imprensa começou a falar de “espontânea conquista de cultura”; os psicólogos se perguntavam se aquelas crianças não seriam diferentes das outras, e nós mesmos ficamos por muito tempo perplexos. Somente depois de experimentos repetidos obtivemos a certeza de que todas as crianças indistintamente têm essa capacidade de “absorver” a cultura. Se as coisas são assim – nós nos dissemos então –, se a cultura pode ser adquirida sem esforço, façamos a criança ser capaz de “absorver” outros elementos de cultura. Vimos então a criança “absorver” bem mais que a leitura e a escrita: a botânica, a zoologia, a matemática, a geografia, e com igual facilidade, espontaneamente, sem esforço.

Descobrimos assim que a educação não é aquilo que o professor dá, mas é um processo natural que se desenvolve espontaneamente no indivíduo humano; que ela não se adquire escutando palavras, mas graças a experiências realizadas no ambiente. A tarefa do professor não é falar, mas preparar e dispor uma série de motivos de atividade cultural num ambiente expressamente preparado.

Minhas experiências desenvolvidas em outros países duraram mais de quarenta anos, e, à medida que as crianças cresciam, os pais me pediam que continuasse a educação das crianças já maiorzinhas. Descobrimos assim que a atividade individual é a única faculdade que estimula e produz o desenvolvimento, e que isso vale tanto para os pequenos em idade pré-escolar quanto para as crianças das escolas primárias e das escolas mais avançadas.

Surge o Homem Novo

Diante de nossos olhos apareceu uma nova imagem; não era a de uma escola ou de uma educação. Era o Homem que surgia, o Homem que revelava seu verdadeiro caráter em seu livre desenvolvimento, que exibia sua grandeza

quando nenhuma opressão mental vinha limitar seu trabalho interior e oprimir sua alma.

Eu sustento, portanto, que qualquer reforma da educação deve se basear no desenvolvimento da personalidade humana. O próprio homem deveria se tornar o centro da educação, e cabe estar ciente de que o homem não se desenvolve na universidade, mas começa seu desenvolvimento mental desde o nascimento e o efetiva com a maior intensidade nos três primeiros anos de vida; a esse período mais que a qualquer outro é necessário que se dedique um cuidado atento. Se agirmos segundo esse imperativo, a criança, em vez de impor a si mesma um esforço, se revelará a nós como a maior e mais confortadora maravilha da natureza. Então nos veremos diante da criança, não mais considerada um ser sem força, um recipiente vazio para encher com nossa sabedoria, mas sua dignidade surgirá diante de nossos olhos à medida que a virmos como construtora da nossa inteligência, como o ser que, guiado por um mestre interior, trabalha infatigavelmente na alegria e na felicidade, segundo um programa preciso, na construção desta maravilha da natureza que é o Homem. Nós, educadores, podemos somente ajudar a obra já executada como os empregados ajudam o patrão. Nós nos tornaremos, então, testemunhas do desenvolvimento do ânimo humano, do surgimento do Homem Novo, o qual não será vítima dos acontecimentos, mas, graças à sua clareza de visão, poderá se tornar capaz de dirigir e plasmar o futuro da sociedade humana.



A EDUCAÇÃO PARA A VIDA

A escola e a vida social

É necessário ter desde o princípio uma ideia daquilo que entendemos por educação para a vida, e é preciso entrar nos pormenores do problema. Recentemente, o líder de um povo, Gandhi, enunciava a necessidade não só de estender a educação ao inteiro curso da vida, mas também de fazer da “defesa da vida” o centro da educação. E foi a primeira vez que uma afirmação assim foi feita por um líder político e espiritual. A ciência, por seu turno, não só já expressou essa necessidade como, desde o início do nosso século, tem demonstrado que a ideia de estender a educação para toda a vida tem possibilidade de ser efetivada com certeza de sucesso. Esse conceito de educação, porém, ainda não entrou no campo de ação de nenhum ministério da educação.

A educação hoje é rica de métodos, de objetivos e finalidades sociais, mas também se pode dizer que ela não leva em consideração a vida em si mesma. Entre os muitos métodos oficiais de educação de países diferentes, nenhum se propõe a dar assistência ao indivíduo desde o nascimento e a proteger seu desenvolvimento. A educação hoje, tal como é concebida, prescinde tanto da vida biológica quanto da vida social. Todos aqueles que entram no mundo da educação se veem isolados da sociedade. Os estudantes têm que seguir as regras preestabelecidas pela instituição da qual são alunos e a conformar-se

aos programas recomendados pelos ministérios da educação. Pode-se dizer que, mesmo no passado mais recente, as condições sociais e físicas dos estudantes não eram levadas em consideração como fato que pudesse minimamente interessar à escola em si. Assim, se o estudante fosse desnutrido, ou se tivesse deficiências de visão ou de audição que reduziam suas possibilidades de aprendizagem, ele era simplesmente classificado com notas inferiores. Os defeitos físicos foram levados em consideração, em tempos posteriores, mas somente do ponto de vista da higiene física, enquanto ninguém considera, ainda hoje, que a mente do estudante pode ser ameaçada e prejudicada por métodos educacionais defeituosos e inadequados. O currículo da Nova Escola pelo qual Claparède se interessou considera bem mais a *quantidade* das disciplinas incluídas nos programas, visando reduzi-las para evitar a fadiga mental. No entanto, não toca no problema do modo como os alunos poderiam enriquecer de cultura sem afadigar-se. Na maioria das escolas públicas administradas pelo Estado, o que importa é que o programa seja cumprido. Se o espírito dos jovens universitários se sensibilizar pelas deficiências sociais e pelas questões políticas agitadas por verdades apaixonantes, a palavra de ordem é que o jovem não deve se ocupar de política, mas, sim, cuidar dos estudos até que os tenha levado a termo. Ocorre, com isso, que o jovem, saído da universidade, terá uma inteligência um tanto limitada e sacrificada por não ser capaz de identificar e avaliar os problemas da época em que vive.

Os mecanismos escolares são estranhos à vida social contemporânea, de tal modo que esta parece estar excluída, com seus problemas, do campo educacional. O mundo da educação é uma espécie de ilha onde os indivíduos, retirados do mundo, se preparam para a vida permanecendo estranhos a ela. Pode acontecer, por exemplo, que um estudante universitário seja afetado pela tuberculose e morra disso. Não é triste que a universidade, a escola onde ele vive, ignore que está doente, e depois apareça em seu funeral, inesperadamente, com uma representação oficial? Há indivíduos extremamente nervosos que, quando entrarem no mundo, serão inúteis para si mesmos e causarão sofrimento à família e aos amigos. No entanto, a

autoridade escolar não se interessa por casos particulares de psicologia, e tal indiferença tem plena justificativa nos regulamentos que atribuem à escola a tarefa de se ocupar apenas de estudos e exames. Quem tiver sucesso neles receberá um diploma ou um certificado. Eis, para o nosso tempo, o ponto de chegada da escola. Os estudiosos de problemas sociais sublinham que os graduados pelas escolas e universidades não estão preparados para a vida, e não só: na maior parte dos casos, são mesmo diminuídos em suas possibilidades. As estatísticas revelam um impressionante aumento de loucos, de criminosos, de indivíduos considerados “estranhos”. Os sociólogos cobram da escola um remédio para tantos males, mas a escola é um mundo em si, fechado aos problemas sociais, os quais não faz questão de considerar e conhecer. É uma instituição social de tradição demasiado antiga para que seus regulamentos possam ser modificados por meio de ofício; apenas uma força que aja do exterior poderá modificar e renovar, e dar remédio às deficiências que acompanham a educação em todos os graus, assim como infelizmente acompanham a vida dos que vão à escola.

A idade pré-escolar

Quem é a criança desde o nascimento até o sexto ou sétimo ano de idade? A escola propriamente dita não se interessa por ela, de modo que essa idade é chamada de pré-escolar, como quem diz que é estranha ao campo do ensino oficial. E pelos recém-nascidos, que coisa poderia fazer a escola? Nos lugares onde surgiram, as instituições para as crianças em idade pré-escolar raramente dependem da autoridade central educacional ou do ministério da educação. São habitualmente controladas pelos municípios ou por instituições privadas, as quais com frequência têm finalidades lucrativas. O interesse pela proteção da vida psíquica dos pequenos, como problema social, não existe; a sociedade afirma, além disso, que os pequenos pertencem à família, e não ao Estado.

A importância nova que se dá aos primeiros anos da vida não tem suscitado providências particulares; pensa-se somente em modificar a vida da

família, no sentido de que agora se considera necessária a educação da mãe. Mas a família não faz parte da escola, e, sim, da sociedade. Disso resulta que a personalidade humana, ou o cuidado da personalidade humana, fica dividida: de um lado, a família, que é parte da sociedade, mas que vive isolada e descuidada ou ignorada pela sociedade; de outro lado, a escola, ela também apartada da sociedade, e em seguida a universidade. Não existe uma concepção unitária, uma boa vontade social pela vida, mas fragmentos que se ignoram uns aos outros e que se referem sucessiva ou alternativamente à escola, à família e à universidade concebida como escola, que implica a última parte do período educativo. Até mesmo as ciências novas, que revelam o mal desse isolamento, como a psicologia social e a sociologia, estão isoladas da escola. Não existe, portanto, um verdadeiro sistema que apoie o desenvolvimento da vida. O conceito da educação entendido nesse sentido não é novo para a ciência, como eu já disse, mas ainda não se realizou. E é este o passo que em breve a civilização terá de dar: o caminho está assinalado, a crítica revelou os erros das condições atuais, outros definiram o remédio a trazer para as diferentes fases da vida, hoje tudo está pronto para que se passe à construção. As contribuições da ciência podem ser comparadas às pedras já aparadas, destinadas a essa construção; falta encontrar quem apanhe as pedras e as sobreponha para erguer o novo edifício necessário à civilização.

A tarefa da educação e da sociedade

O conceito de uma educação que assuma a vida como centro da própria função altera todas as ideias educacionais precedentes. A educação não deve mais se basear num programa preestabelecido, mas no conhecimento da vida humana. À luz dessa convicção, a educação do recém-nascido adquire de imediato uma grande importância. É verdade que o recém-nascido não pode fazer nada, que não se pode ensinar-lhe nada no sentido comum da palavra, e que ele pode ser apenas objeto de uma observação e de um estudo voltados para trazer à luz suas necessidades vitais. De fato, temos conduzido

essas observações, com o objetivo de descobrir quais são as leis da vida, já que, se desejarmos auxiliá-la, a primeira condição é o conhecimento das leis que a governam – e não só o conhecimento, porque, se tivéssemos como fim somente o conhecimento, permaneceríamos no campo da psicologia e não avançaríamos para o campo da educação.

No entanto, esse conhecimento do desenvolvimento psíquico da criança deve ser amplamente difundido. Apenas, então, a educação poderá adquirir nova autoridade e dizer à sociedade: “Estas são as leis da vida, vocês não podem ignorá-las e devem agir em conformidade com elas, porque apontam para *direitos humanos* que são amplos e comuns à humanidade inteira”.

Se a sociedade considera necessário oferecer uma educação obrigatória, isso significa que a educação deve ser dada de modo prático; e, quando se admitir que a educação deve se iniciar desde o nascimento, será necessário que a sociedade conheça as leis do desenvolvimento infantil. A educação, em vez de permanecer ignorada pela sociedade, deve adquirir autoridade sobre ela, e o mecanismo social terá de se adaptar às necessidades inerentes à nova concepção: que a vida deve ser protegida. Todos são chamados a colaborar, pais e mães devem assumir sua responsabilidade; porém, quando a família não tiver possibilidades suficientes, a sociedade tem que não só oferecer a instrução, mas também prover os meios necessários para educar as crianças. Se a educação significa cuidar do indivíduo, se a sociedade reconhece que para o desenvolvimento da criança são necessários meios dos quais a família não é capaz de dispor, cabe à sociedade mesma prover, cabe ao Estado não abandonar a criança.

A educação se empenhará, portanto, em impor-se com autoridade à sociedade da qual tinha permanecido apartada. Se é evidente que a sociedade deve exercer um controle benéfico sobre o indivíduo humano, e se é também verdade que a educação é considerada amparo à vida, esse controle não deverá jamais ser restrição e opressão, mas deverá oferecer um amparo físico e psíquico. Significa que o primeiro passo que a sociedade deverá dar será o de consagrar meios mais amplos à educação.

As necessidades da criança durante os anos de crescimento foram estudadas, e os resultados desses estudos foram dados ao conhecimento da sociedade, que deve agora assumir com consciência a responsabilidade pela educação, enquanto a educação, de sua parte, partilhará com a mesma sociedade os bens adquiridos em seu progresso. A educação assim concebida já não envolve somente a criança e os pais, mas o Estado e a finança internacional, torna-se estímulo para cada membro do corpo social, estímulo para a máxima renovação da sociedade. Existe algo mais imóvel, estagnado e indiferente do que a educação de hoje? Quando um país precisa cortar gastos, a educação sem dúvida é a primeira vítima. Se alguém perguntar a um homem de Estado quais são suas opiniões sobre a educação, ele responderá que a educação não lhe diz respeito, que confiou a educação dos filhos à mulher para que esta, por sua vez, a confiasse à escola. Ora, no futuro será absolutamente impossível, para um homem de Estado, formular semelhante resposta e dar mostra de tamanha indiferença.

A criança construtora do homem

Consideremos os resultados obtidos por diversos psicólogos que estudaram a criança desde o primeiro ano de vida. O que se deduz deles? Que o crescimento do indivíduo, ao contrário de ser confiado ao acaso, deve ser dirigido cientificamente com mais apuro, o que permitirá alcançar um melhor desenvolvimento do indivíduo. A ideia com a qual todos concordam é a de que o indivíduo mais amparado e assistido está destinado a crescer mais forte, com a mente mais equilibrada e com um caráter mais enérgico. Em outras palavras, a conclusão é que, para além da higiene física, a criança deve ser protegida por uma higiene mental. A ciência tem feito outras descobertas sobre o primeiro período de vida: na criança se manifestaram energias bem maiores do que geralmente se imagina. Ao nascer, psiquicamente falando, a criança não é nada, e não só psicologicamente, já que ao nascer é incapaz de movimentos coordenados e a quase imobilidade das articulações não lhe permite

fazer nada; tampouco pode falar, ainda que veja o que acontece ao seu redor. Após dado período de tempo, a criança fala, anda e passa de uma conquista a outra, até construir o homem em toda a sua grandeza e inteligência. E eis que se exhibe uma verdade: a criança não é um ser vazio, que deve a nós tudo quanto sabe e com o qual a preenchemos. Não, a criança é construtora do homem, e não existe homem que não tenha sido formado pela criança que ele foi um dia. As grandes energias construtoras da criança, das quais tantas vezes falamos, e que têm atraído a atenção dos cientistas, permaneceram até agora escondidas sob um conjunto de ideias que se formaram em torno da maternidade; dizia-se: a mãe formou a criança, ensina-a a falar, a andar etc. Ora, tudo isso não é inteiramente obra da mãe, mas conquista da criança. O que a mãe cria é o recém-nascido, mas é o recém-nascido que produz o homem. Se a mãe morre, a criança cresce de todo modo e realiza a construção do homem. Uma criança indiana levada para a América e confiada aos cuidados de americanos aprenderá a língua inglesa, e não a indiana. Não vem da mãe, portanto, o conhecimento da linguagem, mas é a criança que se apropria da linguagem como se apropria dos hábitos e dos costumes da gente em meio ao qual se acha vivendo. Não existe, portanto, nessas aquisições, nada de hereditário, e a criança, absorvendo do ambiente que a rodeia, plasma por si mesma o homem futuro.

Reconhecer essa grande obra da criança não significa diminuir a autoridade dos pais; quando estes se persuadirem de que não são os construtores, mas simplesmente os colaboradores da construção, tanto melhor poderão cumprir o próprio dever e auxiliarão a criança com uma visão mais ampla. Somente se esse auxílio for dado convenientemente é que a criança realizará uma boa construção; assim, a autoridade dos pais não se funda numa dignidade intrínseca, mas no amparo que dão aos filhos, e é essa a verdadeira e grande autoridade e dignidade dos pais.

Mas consideremos também de outro ponto de vista a criança na sociedade humana.

O pensamento marxista desenhou a figura do operário tal como é adquirida modernamente pela nossa consciência: o operário produtor de

bem-estar e riqueza, colaborador essencial na grande obra da vida civil, reconhecido como tal pela sociedade graças a seus valores morais e econômicos, detentor moral e economicamente do direito de ser provido dos meios e materiais necessários para cumprir seu trabalho.

Vamos trazer agora essa ideia para nosso campo. Tomamos consciência de que a criança é uma operária e que a finalidade de seu trabalho é produzir o homem. Os pais, de fato, fornecem a essa trabalhadora os meios essenciais de vida e de trabalho construtivo, mas o problema social no tocante à infância é considerado de importância bem maior, porque o trabalho das crianças não produz um objeto material, contudo cria a própria humanidade: não uma raça, uma casta, um grupo social, mas a humanidade inteira. Se tal fato for levado em conta, fica claro que a sociedade deve levar a criança em consideração, reconhecendo seus direitos e suprimindo suas necessidades. Quando tomarmos a vida mesma como objeto de nossa atenção e de nosso estudo, conseguiremos tocar o segredo da humanidade e teremos em nossas mãos o poder de governar e ajudar a humanidade. Também nós, quando falamos de educação, pregamos uma revolução, na medida em que, graças a ela, tudo aquilo que hoje conhecemos será transformado. Eu a considero a revolução definitiva: uma revolução não violenta, e menos ainda cruenta, que, ao contrário, exclui qualquer mínima violência, porque se houvesse sombra de violência a construção psíquica da criança estaria ferida de morte.

A construção da normalidade humana deve ser defendida. Todos os nossos esforços não objetivaram remover os obstáculos no caminho da criança e afastar os perigos e as incompreensões que o circundavam?

Essa é a educação entendida como auxílio à vida, uma educação desde o nascimento, que alimente uma revolução despida de qualquer violência e que una a todos para um fim comum e os atraia para um único centro. Mães, pais, homens de Estado, todos convergirão no respeito e no apoio a essa delicada construção, elaborada em condições psiquicamente misteriosas, sob a orientação de um mestre interior. Essa é a nova esperança luminosa da humanidade. Não reconstrução, mas auxílio na construção

que a alma humana é chamada a levar a termo, construção entendida como desenvolvimento de todas as imensas potencialidades de que a criança, filha do homem, é dotada.

